

Covid 19 - um pouco de esperança num momento em que tudo indica que o pior ainda está por vir

Ina Voelcker, Ponto Focal Políticas Internacionais

No contexto de tantas notícias ruins, tristes e preocupantes ligadas a Covid-19, me parece interessante começar essa minha primeira contribuição sobre a situação atual na Alemanha com um ponto que, ao meu ver, traz um pouco de esperança: com tudo que está ocorrendo, a profissão do cuidador do idoso parece estar sendo, finalmente, mais valorizada pela sociedade.

Há anos, talvez décadas, cuidadores, especialistas na área de saúde e cuidados e organizações da sociedade civil denunciam as falhas nos cuidados de longa duração, tanto em instituições como nas próprias moradias. Há poucos profissionais por idoso, muitos deles não são bem qualificados assim como há também muitos que mal falam o alemão. Além do mais, são mal pagos e pouco valorizados por um trabalho absolutamente indispensável para garantir a dignidade que todos merecemos quando já não temos as capacidades essenciais para uma vida independente.

Por que então isso é um motivo de esperança posto que se fala da situação do cuidado há tanto tempo, antes já difícil e com a Covid 19 agravado, colocando milhões de idosos em risco de vida? Três razões:

- Primeiro, pelo simples fato do assunto ter se tornado top na pauta da mídia nacional, não só das pessoas atuando na área. Isso já é positivo.
- Segundo, por aumentar a pressão política para contratar mais cuidadores, pagá-los melhor (deve haver um bônus para cada cuidador que atua na crise em torno de 1.500 Euros) e investir na formação deles.
- Terceiro, ajuda a valorizar mais o papel crucial do cuidador como uma das profissões que hoje fazem parte do grupo dos “heróis da vida cotidiana”.

Desde for tem-se a visão de que, num país como a Alemanha, tudo funciona de modo eficiente e que “os alemães são um povo com alto nível educacional” - e, assim, lidarão bem com a pandemia. Sim, realmente muita coisa funciona, os números ainda não chegaram a ser tão ruins quanto nos nossos países vizinhos e sim, em geral, devemos ser um dos povos que mais tem regras e leis específicas que são seguidas. A disciplina é uma característica nossa. Mas numa crise como esta também vemos o que não funciona, onde há falhas e onde foram cometidos erros que perduram há anos. Certamente o setor de saúde e social são áreas onde há muitas falhas agora, com a Covid-19, mais expostas que nunca – e sentidas diretamente por muitos.

Sentir. Esta é a palavra que nos remete a um dos grandes problemas da sociedade em que vivemos, a solidão. E este sentimento de solidão, por conta do isolamento social, só tende a aumentar. Solidão é um sentimento que tem consequências negativas para a saúde individual e pública que não podemos subestimar. É neste contexto que o enviado especial da Organização Mundial de Saúde para a Covid-19, o Dr. David Nabarro falou no dia 2 de abril, por videoconferência, com representantes da sociedade civil do mundo todo.

Nesta videoconferência, ele, antes de tudo, agradeceu à grande contribuição da sociedade civil no combate ao vírus. Dr Nabarro ressaltou ainda o papel central das organizações da sociedade civil de nos fazer lembrar, sempre, que toda vida importa, independente de idade e condições sociais assim como da importância de manter as pessoas idosas incluídas na sociedade – mesmo em tempos de distanciamento físico. Dr. Nabarro também acentuou a importância da saúde mental, alertando que é preciso apoiar pessoas que estão sofrendo emocionalmente com a crise.

Talvez o ponto mais importante da fala do médico e *expert* internacional seja o seguinte conselho aos tomadores de decisão, incluindo os governos: escutar pessoas idosas, escutar quem sabe quais são os problemas e como podemos reduzir o isolamento social. Ele afirmou “eu quero ver um debate com pessoas idosas para saber o que é preciso fazer”.

Dr. Nabarro encerrou a fala dele com palavras de esperança. Esperança que a crise atual contribui para que os desafios do envelhecimento populacional recebam mais atenção e pessoas idosas sejam mais valorizadas no longo prazo. Para isso Dr. Nabarro disse que é crucial ter uma sociedade civil forte, com redes de organizações e pessoas que possam, sem confrontação, mas em harmonia com outros grupos, contribuir para que a crise tenha o menor impacto possível.

É esta esperança que tento manter, apesar das notícias desconcertantes que podem tão facilmente nos deixar desesperançosos. Não podemos nos abater. Há que nutrir a esperança e uma das formas é ouvindo os idosos. Afinal eles já viveram situações dramáticas em suas vidas e, via de regra, mantiveram-se resilientes. Ouvi-los é preciso. Mas ainda, dar-lhes voz, protagonismo. Nada para eles, sem eles.